

Poéticas do Antropoceno: reflexões sobre as relações entre o humano e o não humano na poesia de Prisca Agustoni e de Sofia Mariutti

Poetics of the Anthropocene: reflections on the relationships between the human and the non-human in the poetry of Prisca Agustoni and Sofia Mariutti

Mariane Pereira Rocha

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense (IFSul) | Pelotas | RS | BR
marianep.rocha@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-0126-8063>

Ariane Avila Neto de Farias

Instituto Federal Farroupilha (IFFar) | Frederico Westphalen | RS | BR
arianenetof@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-9828-7980>

Ânderson Martins Pereira

Instituto Federal Farroupilha (IFFar) | São Vicente do Sul | RS | BR
andersonmartinsp@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0003-2667-8891>

Resumo: A poesia brasileira contemporânea tem se mostrado um terreno fértil para a problematização das fronteiras estabelecidas entre o humano e o não humano, especialmente diante das urgências ecológicas do Antropoceno. Este trabalho analisa como os livros *Quimera* (2025), de Prisca Agustoni, e *Abrir a boca da cobra* (2023), de Sofia Mariutti, constroem poéticas que tensionam a noção de centralidade do humano ao proporem formas de coexistência marcadas pela vulnerabilidade e pela interdependência entre as espécies. Objetiva-se investigar de que modo os poemas de ambas as autoras revelam uma crítica à lógica antropocêntrica, tanto pela via da aproximação sensível quanto pela da violência e da dissolução dos limites corporais. Para tanto, a pesquisa articula a leitura comparada dos poemas e a reflexão ecocrítica e pós-humana a partir de autores como Donna Haraway (2013), Cary Wolfe (2010), Bruno Latour (2020) e Anna Tsing (2022), que discutem o deslocamento do humano e a emergência de perspectivas pós-antropocêntricas. Os resultados apontam que, ao descentrar a figura humana e expor sua impotência diante das forças naturais, os poemas analisados instauram uma poética em que o afeto, a linguagem e o corpo são redesenhados a partir da convivência e do confronto. Do mesmo modo, reconhece-se que o não humano, nesses poemas, é interpelado a partir da memória, da extinção e da luta pela própria existência e imanência. Assim, as poéticas de Agustoni e Mariutti reafirmam seu papel ético e estético na elaboração das crises ecológicas do presente.

Palavras-chave: poesia contemporânea; ecocrítica; Antropoceno; Prisca Agustoni; Sofia Mariutti.



Abstract: Contemporary Brazilian poetry has increasingly emerged as fertile ground for questioning the boundaries established between the human and the nonhuman, particularly in response to the ecological urgencies of the Anthropocene. This study examines how the books *Quimera* (2025), by Prisca Agustoni, and *Abrir a boca da cobra* (2023), by Sofia Mariutti, develop poetic forms that unsettle the notion of human centrality by proposing modes of coexistence grounded in vulnerability and interspecies interdependence. The aim is to investigate how the poems by both authors articulate a critique of anthropocentric logic, whether through modes of sensitive proximity or through violence and the dissolution of corporeal boundaries. To do so, the research combines comparative poem analysis with ecocritical and posthuman theoretical frameworks informed by authors such as Donna Haraway (2013), Cary Wolfe (2010) and Anna Tsing (2022), who explore the displacement of the human and the emergence of post-anthropocenic perspectives. The findings suggest that, by decentering the human figure and exposing its impotence in the face of natural forces, the poems establish a poetic in which affection, language, and the body are reconfigured through coexistence and confrontation. Likewise, the analysis reveals that the nonhuman, in these works, is addressed through lenses of memory, extinction, and the struggle for existence and immanence. Thus, the poetry of Agustoni and Mariutti reaffirms its ethical and aesthetic role in shaping responses to the ecological crises of the present.

Keywords: contemporary poetry; ecocriticism; Anthropocene; Prisca Agustoni; Sofia Mariutti.

1 Introdução

Embora a tematização e a reflexão sobre a natureza não sejam novidades para o campo literário, tem-se visto, nas últimas décadas, um aumento na publicação de obras que exploram o meio-ambiente como forma de questionar, mapear e problematizar os limites do Antropoceno. Nas narrativas, as últimas décadas viram surgir novos subgêneros, como a eco-distopia, o *cli-fi*, o realismo especulativo, o *solarpunk*, entre outros. Na poesia, embora não haja subdivisões tão claras, a elaboração de temáticas antropocênicas também tem-se feito presente, como é possível observar em obras como *Abrir a boca da cobra* (2023), de Sofia Mariutti, e *Quimera* (2025) de Prisca Agustoni.

Ambos os livros foram publicados pela coleção e clube de assinaturas “Círculo de poemas”, da Editora Fósforo. O clube de assinatura envia mensalmente aos assinantes obras de poesia, normalmente ainda inéditas nos país, e tem sido responsável, assim, pela inserção de novos poetas no sistema literário brasileiro. A coleção tem endereçado questões importantes do presente, dando prioridade ao envio de obras escritas no século XXI, das quais os livros analisados neste artigo são exemplos. *Abrir a boca da cobra* é o segundo livro de poemas de Mariutti, que já havia publicado *A orca no avião* (2017) e o infantil *Vamos desenhar palavras escritas?* (2023). Além de poeta, a escritora paulista é também tradutora e editora e tem formação na área de Letras. Já Prisca Agustoni tem uma carreira mais longa na poesia e *Quimera* (2025) é o seu décimo terceiro livro de poemas. Nascida na Suíça, Agustoni vive no Brasil desde 2002, onde atua como professora da Universidade Federal de Juiz de Fora; hoje, ela é reconhecida por sua literatura multilíngue e por seu trabalho de tradução de poesia brasileira contemporânea e de autores suíços de língua italiana.

Através da análise comparativa de poemas de ambos os livros, a presente pesquisa busca debater como a poesia contemporânea tem abordado questões relativas ao Antropoceno, com foco na relação entre seres humanos e não humanos, na crise climática e no luto ecológico (Despret, 2017). Objetiva-se investigar de que modo os poemas de ambas as autoras revelam uma crítica à lógica antropocêntrica tanto pela via da aproximação sensível quanto pela da violência e da dissolução dos limites entre as diferentes formas de vida. Espera-se, também, através da discussão crítica dos poemas, evidenciar como a lírica pode ser um espaço propício para a discussão sobre as mudanças climáticas, bem como um campo fértil para a concretização do que Bruno Latour (2020) chama de “aterramento”, sobretudo pelo seu potencial de construção de subjetividades aptas ao reconhecimento e respeito às diferenças. Dessa forma, este trabalho parte da compreensão que a poesia é profícua ferramenta para que o humano se reconheça como uma das inúmeras partes de um “sistema de geração” (Latour, 2020), em que diferentes relações são importantes na busca de soluções para os problemas atuais.

Para isso, além dos procedimentos da literatura comparada, essa pesquisa é embasada por críticos que questionam e tensionam o antropocentrismo, o que irá ocorrer nas reflexões propostas por Donna Haraway (2013), Bruno Latour (2020), Cary Wolf (2009) e Anna Tsing (2015).

2 A natureza precisa de tempo, não de nós

Quimera (2025), de Prisca Agustoni, e *Abrir a boca da cobra* (2023), de Sofia Mariutti, colocam a natureza como centro da experiência poética: os animais e os problemas socioecológicos surgem de forma visceral nos poemas das poetisas brasileiras. Embora de forma mais sutil, o contato com o universo vegetal e mineral também vai ser desenvolvido por Mariutti e Agustoni, não apenas como cenário ou como plano de fundo para a elaboração subjetiva das temáticas que desenvolvem, mas como temática primeira nos versos que serão explorados a seguir.

Em *Quimera* (2025), Agustoni propõe a integração do humano e da natureza, buscando um equilíbrio entre eles para a problematização do tempo em que vivemos. Com muitos poemas sem título e com uma formatação que não demarca fronteiras, já que os limites entre os textos se tornam borrados e, sem que se saiba onde começa um e onde termina outro, os versos que compõem a primeira seção do livro, chamada “Tempo verde”, conjugam-se em uma reflexão única, em forma de rede. De modo similar e intratextual, é possível observar que esse movimento também acontece com o sujeito poético de muitos dos poemas da obra, já que esse quer se ver uno com a natureza, como se nota no poema abaixo:

ser como a deriva
infinita de uma pedra,

reaprender o tempo
circumspecto da árvore,

ou o músculo flexível
das heras,

ser abrigo e mistério
na urgência de vida

de uma efeméride,
que dura

um giro da terra
e já será a ceia

dos anfíbios;
saber o curso

invisível do sopro
corpo adentro

pulsando
feito o tambor

surdo dos órgãos,
relógio d'água

ou de sangue
na sentença das horas

a cegueira da fala
cega até os olhos:

o sol ateia seu fogo
sobre o visível

(enquanto coisas invisíveis
ardem em nós)

o mundo se alastra
com rosto e nome
desconhecidos,

como pai
morto
cujo dente persiste
— destino
inscrito no esqueleto —

no sorriso do neto
que ainda não existe (Agustoni, 2025, p. 16-17)

O poema, escrito majoritariamente em dísticos, sugere que há um estado anterior, no qual o ser humano tinha uma conexão mais autêntica com a natureza ao seu redor; afinal, a poeta nos diz que é necessário “reaprender” o tempo das árvores e a flexibilidade das heras, indicando que em algum momento da evolução humana essa ligação foi perdida. Enquanto para as pedras e árvores há um tempo de “deriva infinita”, restam ao ser humano “as coisas invisíveis que ardem em nós”, como, a poeta exemplifica, a passagem de características genéticas de pais para filhos. Além da dimensão biológica e simbólica, há certa problematização da própria linguagem. Ao afirmar que “a cegueira da fala / cega até os olhos”, Agustoni revela as limitações da palavra frente à ordem do natural, um saber que escapa ao discurso humano, podendo apenas ser intuído.

Assim, ser humano e natureza compartilham “a urgência e o mistério da vida”, embora, a nós, seja necessário reaprender essa conexão compartilhada com tudo aquilo que não é humano e, especialmente, com o tempo que não segue as regras do tempo da humanidade. Anna Tsing, em *O cogumelo no fim do mundo* (2022), ao refletir acerca das relações estabelecidas entre os diferentes seres, assinala a importância do reconhecimento das organizações distintas de cada espécie. Para a teórica, a ação de “fazer o mundo” não está limitada ao humano, assinalando que muitas espécies são alheias à noção de progresso (Tsing, 2015, p. 66). No poema “Iguaçu”, Mariutti elabora uma reflexão que parece seguir no mesmo sentido:

Vistas de longe
de trás da janela
são mudas
— há 150 milhões de anos
já estavam ali

Quando à noite
o sol as abandona
apagam-se satélites
de órbita
abismal
— em 150 milhões e anos
ainda estarão ali?

Enquanto se derramam
sobre os cânions
sobem em nuvens
ao céu
— chorar diante
delas é tão óbvio
e no entanto
eu choro (Mariutti, 2023, p. 49)

Nesse poema, Mariutti reflete sobre o tempo da natureza a partir da figura do rio. O título já nos direciona para as Cataratas do Iguaçu, um dos conjuntos de queda d’água da América do Sul compartilhado por Brasil e Argentina. Em “Iguaçu”, o eu lírico assume uma posição de espectador — se no poema de Agustoni vemos o desejo de se conectar com a natureza, voltar a ser um só com ela, aqui é possível observar um certo distanciamento que é assumido como forma de preservar a própria natureza, já que, afinal, as quedas já existem há 150 milhões de anos. A pergunta “— em 150 milhões de anos / ainda estarão ali?” deixa em aberto o potencial devastador que o ser humano tem perante ao meio ambiente, o que vai ao encontro do que Agustoni irá abordar no poema abaixo, sem título:

duração abissal das cataratas, cuja permanência futura não está garantida. Esse movimento poético tensiona a lógica do progresso e denuncia a arrogância antropocêntrica que supõe que a natureza exista para nós ou dependa de nós. Ao contrário, como explicitado no poema de Agustoni, é o humano que se revela supérfluo diante da “ética feroz do verde”, de uma materialidade que continua a operar mesmo sem nossa presença ou intervenção.

3 Aqueles que nos devoram

Anna Tsing nos lembra que desde o Iluminismo a natureza vem sendo tomada como “pano de fundo e recurso para a intencionalidade moral do Homem” (2022, p. 29), sujeito responsável por sua dominação. Contudo, o tempo presente vem provando, frente às inúmeras catástrofes, a urgente discussão e a revisão da submissão imposta pelo humano aos demais seres do mundo natural: “os humanos não podem sobreviver tripudiando sobre todos os outros seres” (Tsing, 2022, p. 29).

O reconhecimento das limitações humanas frente aos animais não humanos é uma das temáticas mais debatidas pelos poemas de Agustoni (2025) e Mariutti (2023). Estes reiteram o fato de que o não humano detém tamanho e força, as quais transcendem a possibilidade de domínio pelo sujeito humano; há, de certo modo, o constante lembrete de que nessa luta já se sabe quem sairá como vencedor. Ao longo dos versos das obras aqui selecionadas, percebe-se um movimento de demarcação da brutalidade inerente à natureza e, por consequência, à própria existência desse animal não humano.

Quimera (2025) e *Abrir a boca da cobra* (2023) coordenam versos que expõem o embate entre o humano e o não humano de maneira progressiva. Os poemas partem de situações que remetem à curiosidade e à convivência, até que se chegue ao reconhecimento da impotência do humano diante da natureza. A seguir, em Mariutti, os versos ilustram o afirmado ao representar um contato primário com um animal marinho – a orca –, marcado pela ambivalência de valores, uma aproximação permeada tanto pelo lúdico quanto pelo sentimento de perigo:

Estamos na água brincando
com um filhote de orca
mas um filhote de orca
também pode brincando
te abocanhar.
E se ele te abocanha
será que fica
tudo bem?

Por duas vezes consigo
puxar seu corpo da boca
de uma velha orca
banguela.

Estamos no subsolo
a maré subiu tanto
você é tão pequena
pegamos um bonde
por cima das ondas
passamos por pouco
é isso mãe
que chamam

natureza? (Mariutti, 2023, p. 12)

O ato de brincar não é um fator que elimina a ameaça – o jogo de abocanhar é também uma negociação de risco: mesmo que “por duas vezes” o eu lírico consiga “puxar seu corpo da boca de uma velha orca banguela”, isso pode, a qualquer momento, não mais acontecer, podendo ficar o humano preso pelo grande animal não humano dos mares. Além disso, a poeta constrói certo paralelismo entre o filhote de orca e o “filhote humano”, ao apresentar o eu lírico enquanto uma mãe que protege sua filha. Assim, a vulnerabilidade da criança humana fica explícita no verso “você é tão pequena”, e não deixa de contrastar com o filhote de orca, que “também pode brincando / te abocanhar”.

O poema, assim, desnuda a natureza não como um campo de existências harmônicas, mas de batalhas de forças desiguais. O questionamento – “é isso mãe / que chamam / natureza?” – coloca em xeque o ideal romântico da necessária docilidade do não humano quando em contato com o sujeito humano ao mesmo tempo em que propõe, escapando à compreensão e à segurança humanas, a noção de uma potência que não se pode domesticar.

A relação ambígua e desigual entre os elementos que compõem o mundo natural é ainda representada em outro poema de *Abrir a boca da cobra*: “Sei sim ninar uma baleia / fazê-la boiar nos braços / no rasinho do mar” (Mariutti, 2023, p. 13). Composto por três versos, o poema oferece uma breve aproximação entre o humano e o não humano; o eu lírico constrói um cenário de cuidado e delicadeza ao acolher uma baleia; um cenário marcado por sua curiosidade e por suas amigáveis tentativas de aproximação com os seres não humanos.¹ Todavia, a imagem evidenciada mostra-se paradoxal, já que “ninar uma baleia”, para o humano, é fisicamente impossível, frente ao corpo imenso do animal oceânico. De modo semelhante, a tentativa de sustentar uma baleia “no rasinho do mar” visibiliza corpos em diferentes escalas, reafirmando a desproporção entre esses dois seres.

Desse modo, o poema encena uma fantasia de controle e, ao representar a baleia “controlada” pelos braços humanos, disfarça a impotência humana diante da imensidão do outro. Os versos expõem uma zona de contato em que ambos se reconhecem e se estranham. A baleia, nos braços do eu lírico, torna visível as fronteiras entre espécies ao mesmo tempo em que coloca o humano em confronto com a sua própria incapacidade de compreender plenamente os elementos que compõem o mundo natural, incluindo si mesmo.

De forma similar, Agustoni expõe a impotência humana no poema “Baleias”. Contudo, esta não será realizada no nível da aproximação afetiva como em Mariutti, mas no campo geográfico e territorial:

1.

Considerem sua enorme geografia:

a baleia é um país em movimento,
impossível inseri-lo nos mapas:

às vezes vira ilhota,
outras vezes, mar aberto. (Agustini, 2025, p. 78)

¹ Em matéria publicada em agosto de 2025 pela revista *Galileu*, cientistas observaram que baleias-jubarte interagem com humanos através da construção de anéis de bolhas, que são como vórtices giratórios (cf. *Galileu*, 2025).

Como “um país em movimento”, a baleia torna-se um país em si mesma; o jogo de palavras constrói uma metáfora geográfica que alarga a percepção da baleia enquanto um ser que escapa às categorias humanas de medida, controle e mesmo de representação. O poema, assim, reforça o caráter irrepresentável do não humano, o que desafia a necessidade humana de nomear e ordenar o mundo. Nessa perspectiva, o corpo não humano, território, reafirma a autonomia da natureza, que se desloca e se reconfigura para além da linguagem e cartografia humanas. Na segunda parte desse poema, Agustoni descreve as imensas proporções de uma baleia: “O coração da baleia / pode chegar a 180 quilos / e 3m³ de volume” (Agustoni, 2025, p. 39). Se, em Mariutti, a impotência do humano se revela através da ironia e do humor expressos pela impossibilidade de “ninar a baleia”, Agustoni aposta nas medidas para revelar o quão inalcançável é o mamífero. Nesses poemas, não há a presença de humanos em interação com as baleias; no entanto, há uma tentativa do eu lírico de classificar e catalogar as baleias para, talvez, atingir alguma compreensão sobre esse corpo:

seu corpo imenso
parece um monolito
mas é uma profusão
de células, glóbulos,
vértebras, óvulos:

tudo o que vive
é reduzível ao átomo. (Agustoni, 2025, p. 79)

Compreende-se, nos versos acima, um esforço do eu lírico em transformar o corpo da baleia em algo que seja apreensível, visto que, em sua integridade, o mamífero “parece um monolito”. Ao elencar células, vértebras, óvulos, o eu lírico configura a baleia, de certo modo, em algo menor, cujo tamanho seria assimilável. Esse movimento é próximo do realizado por Mariutti, em sua tentativa de segurar a baleia em seus braços. Dessa maneira, percebe-se que essa imagem posiciona o humano, em ambos os poemas, em uma perspectiva de confronto com sua própria incapacidade de compreender plenamente o que Jacques Derrida (2011) nomeia como alteridade radical.

Essa tensão entre desejo de aproximação e limite de domínio é revista de forma ainda mais categórica no poema que dá título ao livro de Mariutti: “Abrir a boca da cobra / ver seus dentes / identificá-la” (2023, p. 17). Esses versos reiteram o fato de que o contato com o não humano se converte em tentativa de conhecimento e classificação, marcada pela racionalidade de identificar esse outro ser. Compreende-se que o ato de abrir a boca da cobra carrega em si a violência do gesto que busca a dominação daquilo que se observa: entender é o objetivo e a justificativa para a aproximação; entretanto, o próprio movimento de aproximação implica riscos e exposição. Ainda nessa ação de deslocamento do afeto para a tensão, em que a relação entre os seres vivos deixa de ser mediada pela curiosidade e torna-se explicitamente marcada pela violência e pela luta pela sobrevivência, tem-se o poema a seguir:

cavalo escoiceia vaca
chifra cachorro morde
marimbondo aferroa aranha
pica escorpião golpeia
cobra envenena corvo
bica onça ataca
jacaré decepa tubarão
dilacera orca afoga
elefante pisoteia leão
abocanha hipopótamo persegue

um urso me devora (Mariutti, 2023, p. 32)

Os verbos de ataque – escoiceia, chifra, morde, aferroa, pica, golpeia, entre outros – organizam uma cadência violenta e rítmica que mimetiza o próprio impulso animal. A brevidade dos versos e a sucessão rápida das ações constroem uma sintaxe de instinto, desprovida de mediações racionais, na qual a vida se afirma pelo confronto e pela força. Assim, o poema evidencia uma ecologia da agressão, em que todos os seres estão implicados numa rede permeada pela vulnerabilidade. Ao final, a inclusão do eu – “um urso **me** devora” (Mariutti, 2023, p. 32, grifo nosso) – rompe a distância entre o humano e os demais animais, inserindo o sujeito na mesma cadeia de violência que ele observa, um gesto poético que encaminha uma desestabilização do olhar antropocêntrico ao mesmo tempo em que desloca a espécie de sua posição de exceção e a (re)inscreve enquanto parte de um sistema vital que a ultrapassa e a consome.

Nesse sentido, os poemas de Mariutti e Agustoni revelam um percurso de deslocamento do humano – do gesto de ternura e tentativa de apreensão simbólica ao reconhecimento de sua impotência diante da força do não humano. Em uma exposição da violência, mas também da autonomia dos outros seres, as poetisas desestabilizam o paradigma antropocêntrico como padrão e medida da vida. Em vez de metáforas a serviço da subjetividade humana, animais como a baleia, a cobra ou o urso emergem como agentes do mundo, dotados de potência própria e inseridos em uma teia de relações que independe do olhar humano.

As poéticas presentes em *Quimera* e *Abrir a boca da cobra*, ao construírem um humano e um não humano a partir de suas múltiplas formas de ser e estar no mundo, corroboram às ideias de Donna Haraway, em *O manifesto das espécies companheiras* (2021) ao defenderem a necessidade de constituição de um pensamento relacional que promova o rompimento das categorizações tradicionais do pensamento científico, de modo que seja possível focar nas relações de simbiogênese, de troca entre natureza e cultura. Assim, o conjunto de poemas constrói um sistema vulnerável em que o sujeito se reconhece não como dominador, mas como corpo entre outros corpos – partícipe de uma natureza que tanto o ultrapassa em força, linguagem e duração quanto o complementa, impondo um deslocamento e uma reflexão sobre si mesmo.

4 O mundo dos dinossauros nunca acaba

Os poemas de Agustoni e Mariutti apresentam enunciadores que dialogam com uma poética do fim. Neles, a extinção é vista não de modo antropocentrado, mas perpassando uma estética que vai em direção ao apagamento de espécies e formas de vida e, ao mesmo tempo, remontando à história do mundo, trazendo à tona memórias e buscando, através delas e do próprio fazer poético, salvar existências.

O processo de extinção, por vezes, se confunde com o processo de evolução, mas ambos se diferenciam à medida em que, no primeiro, existe um apagamento da espécie e, no segundo, uma modificação que faz com os descendentes desta já não pertençam à mesma espécie dos seus genitores. A evolução como processo de extinção é observada por Mariutti, que compreende na descendência a possibilidade de memória, de continuação de um “mundo”:

Um dinossauro não é uma fada
ou uma sereia
os fósseis atestam
seu tempo no mundo.

As abelhas já existiam, e as tartarugas
os besouros, cupins
mosquitos, caranguejos.

Como quando dizemos de uma avó
que se parece com a neta, os dinossauros
às vezes lembram baleias, pelicanos
camelos, bisões, vacas
leões, tuiuiús.

Todas as coisas imitam outras, todas.

– O mundo dos dinossauros
nunca acaba. (Mariutti, 2023, p. 56)

No poema acima, há a perspectiva da extinção de um ser que não cessa de existir, mas que muda e cria novas formas. Nesse processo, em termos biológicos, os dinossauros não se extinguem, mas dão lugar a uma variedade de aves. Contudo, é interessante perceber o lugar da memória nesse processo, pois não são as outras formas de vida descritas no poema (baleia, pelicanos, camelos) que nunca acabam, mas sim, os dinossauros. Desse modo, há um apego a esse (ante)passado que atravessa e constitui o presente, mas que, ainda assim, não se projeta como futuro. Nos versos “O mundo dos dinossauros / nunca acaba.”, percebe-se a ideia de permanência; entretanto, o eu lírico evita o uso de um verbo no futuro, o que demarca sua incerteza diante do desconhecido.

Em Agustoni, também há um poema direcionado a um ancestral: um grande peixe predador pré-histórico, que viveu no Período Devoniano. *Hyneria udlezinye* era um predador de topo; ao representá-lo em sua poesia, Agustoni fala sobre um devir carnívoro e a conexão com a ancestralidade que atravessa os seus descendentes. A escolha do eu lírico é interessante, pois ele faz parte da linhagem dos vertebrados com nadadeiras lobadas, dos quais se originaram os animais terrestres:

Hyneria udlezinye

Estive aqui bem antes de vocês:

sou um antepassado
de vossa estirpe carnívora

me condenam por ser
o maior predador dos abismos
aquele que devora seus irmãos

mas sou apenas outro
feroz idêntico a vocês
porém colossal

vivi no ecossistema dos primeiros artrópodes
camuflados na pedra

sedimentar
nas profundezas da história:
foi lá que todos começaram
comigo
a dar os primeiros passos
fora da água
rumo ao continente

recém-saídos do Gondwana (Agustoni, 2025, p. 75)

Como no poema de Mariutti, o poema de Agustoni traz como tropo a conexão com o passado. Se, em Mariutti, há a fala de alguém no presente refletindo sobre como os descendentes dos dinossauros ainda fazem com que esses existam, em Agustoni percebe-se a voz da forma ancestral dos carnívoros. A relação com o presente parece não ser tranquila, já que o eu lírico se sente condenado por trazer às futuras gerações a “estirpe carnívora”. Esse processo de deglutição pode ser percebido de maneira biológica e teleológica, na busca dos nutrientes, mas também como um processo de incorporar o outro a si. Derrida (1991) entende o ato de comer como uma forma de incorporação e, nesse sentido, as relações trazem a ideia do canibalismo e, pois, a noção de violência: “É preciso comer bem... é preciso aprender a comer bem. Quem? O sujeito da ética” (Derrida, 2011, p. 72, tradução nossa).² Comer bem, para o autor, é tentar agir eticamente, já que não há como comer sem violência. Aproximando esse entendimento ao poema e a um eu lírico que não traz *logos*, entende-se que o ato de comer está conectado ao ser no mundo, que é o mecanismo que perpassa os animais – não humanos e humanos. Contudo, são os últimos quem se apropriam desse “comer” de modo não ético. O comer, como dito, fica entre aspas, porque engloba todas as relações que de certa forma incorporam e consomem esses outros, literal e metaforicamente. Em *Abrir a boca da cobra* (2023), Mariutti denuncia esse devir consumidor:

² “One must eat well... one must learn to eat well. Who? The subject of ethics”.

O tubarão da Groenlândia
talvez já estivesse aqui em 1618
junto com Descartes
Galileu e o barroco

Tinha cinco metros de comprimento
um centímetro por ano
a maturidade sexual aos 150

Somniousus microcephalus, dorminhocos
de cabeça pequena e movimentos indolentes
os vertebrados mais longevos da Terra
nadam agora cegos nas águas
geladas do Atlântico Norte

Depois da Segunda Guerra
o fígado fonte de óleo para máquinas
na Islândia uma iguaria que reduz toxinas
em seu estômago já se encontraram
patas de rena cavalo e urso-polar

O tubarão da Groenlândia tinha cerca de 392 anos
com margem de erro de 120 anos
para menos para mais
quando foi capturado sem querer
junto de outros 27 indivíduos da mesma espécie

Era fêmea
com lesões letais causadas pela pesca (Mariutti, 2023, p.54)

O poema acima demonstra como os humanos têm conseguido ser agentes da extinção de seres que perseveraram por muito tempo, como é o caso do tubarão-da-Groenlândia. O poema utiliza *Somniousus microcephalus* como um índice das espécies que, mesmo tendo passado por muitas eras, não estão adaptadas a sobreviver à quinta extinção em massa provocada pela espécie humana. Este também demonstra o *modus operandi* do capitalismo, que, ao buscar recursos, destrói espécimes, como fica explícito no verso “quando foi capturado sem querer”. A destruição de habitats e espécimes não é almejada, mas se coloca como sintoma de um pensar que remonta ao que Martin Heidegger (1977) denunciava ao conceituar “Gestell”, a ideia de que a natureza é vista como um recurso a ser manipulado. Esse olhar atrelado à natureza coloca todos os seres não humanos como produto, e os que não são vendáveis podem ter suas vidas extinguidas por uma lógica de mercado que nem ao menos os considera.

Vive-se, socialmente, um momento de extinções em massa que são causadas pelo Antropoceno, e é nesse sentido que a poesia de ambas as autoras refaz o que Vinciane Despret (2017), em seu texto “Afterword: It Is an Entire World that Has Disappeared”, chamará de luto, o sofrimento causado pela perda das espécies. Esse sentimento se torna visível no poema “Extinção”, em *Abrir a boca da cobra* (2023), de Mariutti:

Extinção

Orcas sem dó cabeceiam
entre as marolas do mar.
A vida vai se apagando
e não há comida que baste.

Curiosos carecem de medo.
A imaginação tem boca grande
mandíbulas inclementes
dentes sólidos.

Quem cai na água some.
A mãe que busca se parte
em duas e me faltam braços
pra salvar os meus. (Mariutti, 2023, p. 10)

A experiência poética transmitida na coletânea de Mariutti parece brincar com esses limites entre a vida animal e a vida do eu lírico. Vê-se no poema acima a busca improfícua de salvamento, seja dos entes queridos por esse sujeito, seja do resto da vida animal. A angústia é retratada tanto no cabecear das orcas quanto em uma maternidade que se parte, na busca do salvamento. A metáfora da mãe é interessante: o filho se perde, afastando também a possibilidade de continuidade da vida. Sem filhos, a própria mãe fica destituída de significado. Trata-se de um processo sem retorno e, na impossibilidade de salvamento, a memória recai na poesia como um tropo de manutenção. Quando há extinção, a vida não é mais possível, porém esta deixa traços: algo resiste, seja da memória, seja do corpo; ficam fragmentos do que deixou de ser. Isso conecta esteticamente a poesia de Mariutti a de Agustoni.

Deborah Bird Rose, Thom Van Dooren e Matthew Churlew (2017), no texto introdutório do livro *Extinction Studies: Stories of Time, Death, and Generations*, se posicionam sobre o pensar estético acerca da extinção:

O significado da extinção, o que a separa da morte singular de um organismo, é precisamente isto: o fim de uma linhagem contínua cultivada ao longo de centenas de milhares, talvez até milhões, de anos de tempo evolutivo; o término abrupto de todo um modo de vida, um modo de ser que nunca mais nascerá ou eclodirá em nosso mundo. (Rose; Dooren; Churlew, 2017, p. 6, tradução nossa)³

Na passagem acima, os autores refletem sobre o sentimento da extinção e o diferenciam da morte individual, pois, na extinção, há o sumir de um modo de ser e estar no mundo. Na poesia de Agustoni e Mariutti, a extinção assume esse lugar do apagamento, da criação de um vazio que não possui preenchimento a não ser pela própria arte da poesia. Agustoni, em seu “Monólogo do taxidermista”, discorre sobre a tentativa de preservação da memória desses seres que foram apagados:

³ “The significance of extinction, what separates it from the singular death of an organism, is precisely this: the ending of an ongoing lineage cultivated over hundreds of thousands, perhaps even millions, of years of evolutionary time; the abrupt termination of a whole way of life, a mode of being that will never again be born or hatched into our world”.

[...] abro a caixa, coloco a serpente
rara sobre a bancada,
com o pincel espalho o silicone
nas escamas

o líquido reage
em contato com a pele

vira cautchu

antitabu
essa latência
do vestígio

da vida que desliza
no plástico [...] (Agustoni, 2025, p. 75)

Os versos acima representam uma pequena parte do longo monólogo desenvolvido pela poeta. Nele, retrata-se o fazer do taxidermista, que busca imortalizar os espécimes através do processo de mumificação dos corpos. A poesia, de modo similar, como se viu nessa seção, se torna também um exercício para o não esquecimento, bem como uma ferramenta para dissecar e catalogar, tornar vivo, através da arte, o que já não tem vida. Nos poemas analisados, a prática poética não é perfeita: como na taxidermia, vão-se órgãos, ossos. Corpos são preenchidos, mas ficam os contornos. Algo resta na poesia.

5 Considerações finais

A partir da análise dos poemas de Prisca Agustoni e Sofia Mariutti, é possível afirmar que ambas as poetisas parecem responder às urgências éticas, estéticas e políticas do Antropoceno. No deslocamento da centralidade do humano, instaura-se um movimento de reinserção do não humano enquanto agente, tensionando os padrões hegemônicos de vida ao mesmo tempo em que as percepções de diferenças entre espécies são desestabilizadas.

Quimera (2025) e *Abrir a boca da cobra* (2023) não apresentam uma natureza idealizada. Entretanto, caminha-se para o reconhecimento de sua alteridade que, nas obras, é demarcada tanto por sua beleza e por sua coletividade quanto por sua violência. Nesse sentido, o contato entre o humano e o não humano é permeado não só pelo gesto de cuidado e partilha, mas também pelo risco, pela assimetria e pela impossibilidade de total compreensão, fazendo com que o humano reconheça e enfrente os seus próprios limites. Agustoni e Mariutti tematizam a crise ecológica na mesma medida em que discutem uma ética nas relações entre humanos e não humanos, na qual a coexistência, a vulnerabilidade e o desconhecimento são condições essenciais para que se possam imaginar outros modos de viver no mundo.

Ao articular diferentes temporalidades e relações entre diversas espécies, as poéticas aqui debatidas apresentam-se enquanto uma literatura que repensa o lugar do humano em um mundo em colapso. Entende-se que os poemas não dão respostas ou soluções aos problemas que destacam, mas constroem espaços de escuta, em que a linguagem é utilizada como ferramenta de questionamento ao Antropoceno, bem como de construção de futuros possíveis. Dessa forma, *Quimera* e *Abrir a boca da cobra* contribuem para o rompimento da noção da centralidade humana, para se pensar o mundo a partir de uma perspectiva sensível, destacando o lugar de destaque da poesia, entendida como um instrumento político.

Ademais, acredita-se que esse estudo seja ponto de partida para a promoção de debates maiores e mais aprofundados acerca da poesia brasileira contemporânea. Compreende-se que cada vez mais obras se abrem para um importante diálogo de construção de uma arte que reflete o colapso, a extinção, e que se percebe como lugar da memória, da representação de relações interespécies em uma perspectiva emancipatória, de imanência de todos os seres.

Referências

AGUSTONI, Prisca. *Quimera*. São Paulo: Círculo de Poemas, 2025.

BALEIAS-JUBARTE fazem anéis de bolhas para se comunicar com humanos; fotos. *Galileu*, São Paulo, 11 jun. 2025. Um Só Planeta. Disponível em: <https://revistagalileu.globo.com/um-so-planeta/noticia/2025/06/baleias-jubarte-fazem-aneis-de-bolhas-para-se-comunicar-com-humanos-fotos.ghtml>. Acesso em: 15 out. 2025.

DERRIDA, Jacques. Eating Well, or the Calculation of the Subject: An interview with Jacques Derrida. In: CADAVA, Eduardo; CONNOR, Peter; NANCY, Jean-Luc (eds.). *Who Comes After the Subject?* New York: Routledge, 1991. p. 96–119.

DERRIDA, Jacques. *O animal que logo sou*. 2. ed. Tradução de Fábio Landa. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

DESPRET, Vinciane. Afterword: It Is an Entire World that Has Disappeared. In: ROSE, Deborah B.; DOOREN, Thom van; CHRULEW, Matthew (eds.). *Extinction Studies: Stories of Time, Death, and Generations*. New York: Columbia University Press, 2017. p. 217–222.

HARAWAY, Donna. *O manifesto das espécies companheiras*: Cachorros, pessoas e alteridade significativa. Tradução de Pê Moreira. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

HEIDEGGER, Martin (ed.). The Question Concerning Technology. In: HEIDEGGER, Martin. *The Question Concerning Technology, and Other Essays*. New York & London: Garland Publishing, 1977. p. 3–35.

LATOUR, Bruno. *Onde aterrar?* Como se orientar politicamente no Antropoceno. Tradução de Marcela Vieira. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.

MARIUTTI, Sofia. *Abrir a boca da cobra*. São Paulo: Círculo de Poemas, 2023.

ROSE, Deborah B.; DOOREN, Thom van; CHRULEW, Matthew. “Introduction: Telling Extinction Stories”. In: ROSE, Deborah B.; DOOREN, Thom van; CHRULEW, Matthew (eds.). *Extinction Studies: Stories of Time, Death, and Generations*. New York: Columbia University Press, 2017. p. 7–16.

TSING, Anna L. *O cogumelo no fim do mundo*: Sobre a possibilidade de vida nas ruínas do capitalismo. Tradução de Jorge Menna Barreto e Yudi Rafael. São Paulo: N-1 Edições, 2022.